

APRENDENDO COM OS GUARANIS: A POTÊNCIA DOS SABERES DO TEKO PORÃ PARA A SUSTENTABILIDADE DA VIDA

Ana Lucia de Castro Oliveira¹

Dulcinéia de Fátima Ferreira²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/comuns11>

SUMÁRIO

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2020). Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos (2016). Atua na área de pesquisa em Educação e Comunidades Tradicionais, Cultura e Políticas de Subjetivação, Educação Popular, Educação Ambiental, Conservação de Agrobiodiversidade e Agroecologia.

2 Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão (UFMA- Campus São Luís). Vinculada ao Departamento de Educação II da UFMA e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFSCar Campus Sorocaba). Pós-Doutora em Cultura Popular pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Eixos temáticos: Educação, Cultura e Políticas de Subjetivação, Educação Popular, Cultura Popular e Processos Educativos; Educação de Jovens e Adultos, Educação como Prática da Liberdade.

Introdução

O trabalho aqui apresentado nasceu durante o processo de pesquisa para a elaboração da dissertação de Mestrado em Educação, na linha de pesquisa Comunidades e Movimentos Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba (PPGEd-So).

As linhas que seguem essa pesquisa vêm em busca de contribuir na construção do debate em torno da identificação do colapso civilizatório que enfrentamos na contemporaneidade. Identifica-se, assim, que estamos atualmente em uma crise de sentido para a vida e que a busca perpassa por encontrar solo firme sob os pés, reencontrando no pensamento e nos saberes ancestrais as bases firmes para que possamos caminhar, saindo da abstração do processo civilizatório e da ideia de humanidade que carregamos (KRENAK, 2019).

O que a trajetória da pesquisa revelou foi que os povos originários têm mais chances de compreender a ética que valoriza a vida do que a nossa ideia de humanidade contemporânea. Então, as perguntas apresentadas para balizar as discussões ora apreciadas foram: como temos nos inspirado nesses modos de vida? De que maneira as sociedades contemporâneas têm apreciado, compreendido e vêm deixando emergir esses saberes multisseculares? Como se têm buscado redirecionar o sentido do desenvolvimento para essas rotas que são feitas para afirmar a vida?

As etnografias produzidas dentro da antropologia e de outros campos da ciência que se voltam para a etnologia indígena, nos apresentam um inventário grandioso de modos de vida, saberes, conjuntos de características e produtos culturais. A questão é: como isso tem influenciado nossa maneira de enxergar e de construir o mundo? Ao que parece, enquadramos este inventário dentro dos paradigmas que já temos delimitado.

O convite no trabalho de dissertação “Aprendendo com os Guaranis a resistir e sonhar com Terras livres”, veio para pensarmos e re-orientarmos

nossas rotas, abrindo espaços para o respiro, para que o conhecimento dos povos Guarani, assim como de outros povos, com seus pilares nos ajudem a refundar o mundo, criando solo firme por onde possamos caminhar. Refletir sobre o olhar e o lugar que estamos e de que maneira nos posicionar para a vivência ao lado desses povos.

Encontrar as “Ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019) tem a ver com a necessidade urgente de povoar as ausências de séculos de silenciamento e subjugamento de povos do mundo em nome da civilização ocidental e de sua lógica neocolonial, buscando, assim, construir rotas que nos levem e elevem para outro caminho, novos patamares existenciais. Buscando aproximar o nosso olhar da ontologia do povo Guarani, é um passo na construção do diálogo intercultural e do posicionamento diante desses saberes no lugar de aprendizes.

O que podemos aprender com esses povos? Essa questão surge para que possamos construir uma postura de subverter a ordem desses inventários de modo de vida e pensarmos o que podemos fazer para reajustar o nosso olhar ao dos Guaranis – esses que nos apresentam o sentido de que a vida de cada um é o seu caminho de buscar e de aprender.

O trabalho aqui vivenciado se coloca ao lado dos povos originários, buscando traçar trilhas por onde possamos encontrar *teko porã*³ - belo viver; mapas para celebrar, para enxergar o bonito que nos mobiliza a caminhar. Nos colocar diante do olhar dos Guaranis, buscando forjar um novo amanhã, afirmando utopias, sonhando. Buscando a inspiração no que concebem por resistência ao cultivar os seus costumes – sua cultura em seu território existencial – o *Tekoha*⁴, sua cultura milenar. Identificou-se, no desenvolver dessa pesquisa, os caminhos e as estratégias na criação de um vir a ser direcionado para preservar a vida, no sentido de uma micropolítica ativa como bússola ética (ROLNIK, 2019), dando orientação por onde caminhar, afirmando teko

3 *Teko Porã* - Para os Guaranis, é o belo viver, aqui sendo traduzido juntamente ao conceito de Bem Viver, comum a outros povos originários da América latina (ACOSTA, 2016).

4 *Tekoha* - Território existencial, para os Guaranis “lugar onde se é”.

porã – a bela vida, ao admirar a criação de *Nhanderu*⁵, sonhando com *Yvy Rupa* – Terra uma só, terras livres.

Crise e o fim de um mundo: possibilidades existenciais que driblam o inconsciente colonial

Refundar nossas raízes, religar com o sentido ancestral, atualizar o olhar a partir das visões que, em algum ponto do caminho, perdemos e fizemos o mundo ao contrário do que tem potencial de ser. A revolução dos valores e dos costumes, a micropolítica a ser reajustada, resgatando em nós o próprio sentido da vida. É sobre esses fatos que seguem as linhas desse trabalho.

Estamos mergulhados numa grave crise internacional desta perspectiva, o que nos deixa perplexos e, por ora, impotentes. Impossível decifrá-la se insistirmos numa abordagem exclusivamente micropolítica. Desentorpecer o corpo-que-sabe é condição incontrolável para sairmos da impotência em direção a ações criadoras que reconfigurem efetivamente a cartografia do presente para além de soluções que, por mais bem-intencionadas, abortam necessariamente porque é a mesma perspectiva micropolítica que as orienta. Reconhecê-lo talvez seja um dos principais legados que nos terá deixado o triste destino das corajosas revoluções do século XX. A confirmação deste destino nos governos tendentes à esquerda na atualidade de nosso continente escancara esse limite e nos faz entender mais claramente que o desafio está em nos deslocarmos para além dele. Entender, sobretudo que esta é a tarefa que se impõe para nós no presente. (ROLNIK, 2015, n.p.).

A gênese mais produtora do paradigma que hoje gera o descompasso entre o avanço tecnológico e o progresso científico em relação ao avanço moral, ético e humano. Assim, podemos traçar, com grandes chances de acerto dentro da linha histórica, o momento da expansão da colonização. As origens

5 Nhanderu - Deus, força criadora da existência de tudo.

do pensamento colonial carregam o sentido da dominação, do uso da força e do poder violento para a imposição de verdades que beneficiem interesses escusos que favoreçam a manutenção dos espaços ocupados de privilégios (OLIVEIRA, 2020). Essa lógica se estruturou e impregnou as subjetividades, ao longo dos últimos séculos, em um movimento que é carregado de perversidade e sustentado pelo derramamento de sangue de diversos povos.

Esse paradigma, bem sabemos, domina todos os outros modos de vida e se funda sobre a violência, escravizando povos e tentando, de maneira incessante, apagar os modos de existir que durante milênios sustentaram civilizações ancestrais inteiras, produzindo epistemicídios e memoricídios (OLIVEIRA, 2020). Buscando impor sobre a história da Terra o paradigma da escassez e da morte, manchando de sangue o solo que, para diversos povos, é sagrado.

No processo de colonização houve uma sobreposição de mundos e modos de vida, um em detrimento de outros. A imposição forçada e violenta que há séculos vem sendo instituída sobre os povos que aqui estavam estabelecidos, foi o caminho escolhido pelo colonizador munido em sua subjetividade pelo desejo de poder que subjuguou e silenciou as civilizações multisseculares que aqui se encontravam.

[...] encontrou-se não com um mundo a ser estabelecido, um mundo de mentes vazias e animais em evolução. Ao contrário, encontrou-se com seres culturais, política, econômica e religiosamente complexos: entes em relações complexas com o cosmo, com outros entes, com a geração, com a terra, com os seres vivos, com o inorgânico, em produção; entes cuja expressividade erótica, estética e linguística, cujos saberes, noções de espaço, expectativas, práticas, instituições e formas de governo não eram para ser simplesmente substituídas, mas sim encontradas, entendidas e adentradas em entrecruzamentos, diálogos e negociações tensos, violentos e arriscados que nunca aconteceram. (LUGONES, 2014, p. 941).

A redução desses povos a seres primitivos, menos que humanos, como estratégia que legitimou a dominação, por séculos vem perdurando. O que se identifica como necessário é que possamos potencializar o encontro ao compreender as fronteiras ontológicas dos entes que coexistem nessas terras, como um lugar de potência para habitarmos e aprendermos na diferença. Como nos propõe Boaventura Sousa Santos (2002), que busquemos construir, por meio dessa travessia, uma ponte entre as diferenças, os processos de tradução capazes de criar inteligibilidade mútua entre essas experiências, criar articulações e as alianças que nos possibilitem alcançar novos patamares existenciais.

Neste processo, ao negar o “outro”, o “diferente”, a visão eurocêntrica induziu insidiosamente a criação do novo “selvagem”, a partir da transposição para o Novo Mundo de construções de alteridade já existentes no imaginário europeu e, em boa medida, herdadas dos esquemas mentais produzidos pelo pensamento antigo e medieval. (IBERÊ; BAINES, 2018, p. 177).

A razão indolente (SANTOS, 2002) do pensamento colonizador devasta e infringe diretamente a soberania e a dignidade dos povos originários ao negar todas as suas cosmovisões, os seus modos de vida e os seus saberes e construções milenares de existência. Ao caracterizar a imagem homogeneizante e construída sobre o pretexto de uma desumanização (os selvagens) dos povos que aqui habitavam desde muito antes de sua chegada, abre-se espaço para que, sobre a sua lógica de dominação, execute-se todo um arcabouço de tortura e epistemicídio.

Estamos aqui falando de séculos de genocídio de povos e de suas culturas, bem como dos bens naturais. Roubo da vida e da riqueza da Terra, para salvaguardar os egos e o poder ilusório gerado pela ganância e pela indolência dessa razão ilógica do paradigma da modernidade. Ilógica pois o único destino certo para onde leva é a seca da fonte da vida.

A industrialização não é necessariamente o motor do progresso, nem a parteira do desenvolvimento. Por um lado, ela assenta em uma concepção retrógrada da natureza, incapaz de ver a relação entre a degradação desta e a degradação da sociedade que ela sustenta. Por outro lado, para dois terços da humanidade a industrialização não trouxe desenvolvimento. Se por desenvolvimento se entende o desenvolvimento do PIB e da riqueza dos países menos desenvolvidos para que se aproximem dos mais desenvolvidos, é fácil mostrar que tal objetivo é uma miragem dado que a desigualdade entre países ricos e países pobres não cessa de aumentar. Se por desenvolvimento se entende crescimento do PIB para assegurar mais bem-estar às populações, é hoje fácil mostrar que o bem-estar das populações não depende tanto do nível da riqueza quanto da distribuição da riqueza. (SANTOS, 2002, p. 17).

Com essa miragem falida de desenvolvimento, o que vemos é um avançar da degradação, ficando latente a necessidade de pensarmos alternativos ao desenvolvimento, e chegarmos aos entendimentos do que compreendemos que venha a ser o desenvolver dos povos (SANTOS, 2002).

Dentro de uma concepção retrógrada da natureza e a falácia da noção de progresso construída dentro desse paradigma que se globalizou, o que constatamos claramente é uma atribuição de um novo protagonismo outorgado ao ser humano, pois esse é compreendido como ser separado da natureza e, portanto, propenso a dominá-la e manipulá-la.

A natureza, na opinião de Francis Bacon, tinha que ser “acosada em seus descaminhos”, “obrigada a servir” e “escravizada”. Devia ser reduzida “à obediência”, e o objetivo do cientista era “extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos”. Suas ideias provocaram uma mudança no espírito da investigação científica que se por um lado, trouxe avanços no campo da engenharia, medicina, saúde, biologia, tecnologia, trazendo conforto e benefícios, por outro, nos últimos trezentos anos, trouxe à humanidade, prejuízos incalculáveis, com a exploração sem limites da natureza: como o desmatamento, a utilização sem critério dos rios e mares, exploração dos espaços aéreos e terrestres trazendo-nos à beira de um colapso mundial, forçando a humanidade no século XXI a rever suas prioridades e mudar

extremamente sua visão sobre o mundo e principalmente seu comportamento, na exploração dos recursos naturais e na convivência com o nosso planeta. (CAPRA, 1982, p. 42).

Esse pensamento dá base à ilógica razão indolente (SANTOS, 2000) da modernidade ocidental. Ela sustenta a degradação dos bens naturais e, com isso, a dos valores. Invertendo o mundo a seu benefício, produz o egoísmo gerado pelo distanciamento da natureza e do que somos, imprimindo no sentimento humano a lógica da escassez, da competitividade individualista e de um poder ilusório de dominação do funcionamento da vida.

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo uma abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (KRENAK, 2019, p. 22).

O fogo da morte passou no corpo da terra,

secando suas veias.

O ardume do fogo torra sua pele.

A mata chora e depois morre.

O veneno intoxica.

O lixo sufoca.

A pisada do boi magoa o solo.

O trator revira a terra.

Fora de nossas terras, ouvimos seu choro e sua morte

sem termos como socorrer a Vida [...]

Fonte: CIMI (2007, n.p.)⁶.

6

Trecho da carta dos Guarani-Kaiowá publicada em 17 de março de 2007.

Quando falamos de povos originários e saberes dos Guaranis, estamos buscando resgatar uma compreensão da natureza em sua imanência como o espaço do sagrado que, para esses povos, está intimamente ligado ao viver e ao fazer cotidiano. Tudo o que rodeia é sagrado e todos os acontecimentos são permeados pelas forças que governam toda a vida. Em sua cosmovisão, tudo está integrado dentro de uma mesma inteligência, um mesmo modo de funcionamento da vida.

Assim, a dominação da natureza e a sua exploração agride o próprio sentido da existência e impossibilita a vida. Estão instaurados no viver desses povos os valores intrínsecos do bem viver⁷, modulando a vida de acordo com as leis que regem a natureza. O transformar dessa natureza só faz sentido se levar em consideração a própria sustentabilidade da vida.

Portanto, o que sustenta é o paradigma da abundância gerada pela cooperação – sentido ancestral Guarani, que foi dominada pela razão do colonizador e subjugada pelo extermínio de modos de vida que fogem da ilógica monocultura do saber.

Obviamente, importa socializar os conhecimentos, aumentar a massa crítica da humanidade e democratizar os processos de empoderamento dos cidadãos. Certamente o saber é imprescindível. Sem ele não debelamos os fígadais inimigos da humanidade como a fome, a doença e a incomunicação. O saber nos confere poder. O saber e o poder nos levaram à Lua e já para fora do sistema solar. Mas a serviço, de que projeto de ser humano, de sociedade e de mundo, utilizamos o poder da ciência e da técnica? A resposta a essa questão pede mais que ciência e técnica. Exige uma filosofia do ser e uma reflexão espiritual que nos fale do Sentido de todos os sentidos e que saiba organizar a convivência humana sob a inspiração da lei mais fundamental

7 Entendido como conceito aberto, em construção, inspirado no modo de vida de povos da América Latina, mas que transcende essa territorialidade e se reproduz no modo de vida de diversos povos originários e de tradição ligada à Terra do mundo. Suwak Kawsay (em quéchua), o “Buen Vivir” (em espanhol), Teko Porã (em Guarani) ou “Bem Viver” (em português). Retomado a partir das cosmovisões indígenas, o “Bem Viver” se torna o eixo central da Constituição do Equador em 2007. Tenta-se, por meio da concepção do Bem Viver, construir uma nova relação entre mercado, Estado e sociedade a partir de uma concepção de comunidade, reorientando os paradigmas entre Ambiente e Sociedade (ACOSTA, 2016).

do universo: a sinergia, a cooperação de todos com todos e a solidariedade cósmica. Mais importante que saber é nunca perder a capacidade de sempre mais aprender. Mais do que poder necessitamos de sabedoria, pois só esta manterá o poder em seu caráter instrumental, fazendo-o meio de potenciação da vida e de salvaguarda do planeta. (BOFF, 1999, p. 7).

A nossa busca coletiva por múltiplas alternativas, rotas de fuga, não pode ignorar os grandes desafios globais. É urgente reorientar as rotas para que possamos satisfazer as necessidades prementes dos povos da terra. Assim surge o Bem Viver, como possibilidade, “[...] apesar de reconhecermos a extrema dificuldade para se construir o Bem Viver em comunidades imersas no turbilhão do capitalismo, acredita - se que há muitas possibilidades de começar a praticá-lo” (ACOSTA, 2016, n.p.).

Porque o território é sagrado. Nós não somos donos da Terra, nós somos a Terra. O direito congênito, natural e originário é anterior ao direito da propriedade privada. Não estamos lutando por reforma agrária. Pelo fato de nós sermos a Terra, temos o direito de estarmos na Terra e o direito de proteger o que chamamos de sagrado, a natureza, é ela que nos nutre e nós a nutrimos à medida que a protegemos. Fazemos isso para proteger o nosso sagrado, e a natureza e a Terra são sagradas. Trata-se de uma luta por um direito natural. (MACHADO, 2018, n.p.)⁸.

A mudança de paradigma só se dará quando mudarmos, em princípio, a nossa subjetividade colonial. E, por esse motivo, há a latente necessidade de ajustarmos as lentes com as quais observamos, entendemos e elaboramos a realidade. Compreender a cosmovisão dos povos originários, o olhar desses povos, o entendimento e como vivem no mundo é um importante passo em direção a essa re-configuração de nossas meta-formas em desassossego (OLIVEIRA, 2020).

Esse ajustamento das lentes com as quais olhamos para realidade é o que comanda a nossa orientação no movimento do vivo, para que possamos

compreender as implicações do bem-viver que, fundamentalmente, se distanciam do que costumeiramente chamamos de “bem-estar ocidental” (ACOSTA, 2016). É necessário o deslocamento, a desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

A importância do deslocamento em busca de recuperar a cosmovisão dos povos e as nacionalidades indígenas se dá por essas coletividades originárias serem complexas e formadas por múltiplas identidades que residem em um lugar da diferença, distanciando-se dos setores da sociedade ocidental contemporânea. Possuem sistemas próprios de organização política, social e econômica, modos de vida singulares a partir do território que ocupam e da relação que estabelecem.

Por mais que compartilhem características fundamentais e essenciais em comum, existem elementos que os caracterizam de maneira singular. Na fala de Casé Angatu Xukuru Tupinambá, ele declara que os povos indígenas, em toda a sua diversidade étnica e suas idiossincrasias, eles são a Terra, nascem dela e a compreendem como elemento fundante, ligado à gênese de todas as coisas viventes.

Fortalecer o espírito tradicional, enxergar a importância da terra, da natureza, da língua, dos cantos, a nossa verdadeira maneira de ser “Nande Reko Tee”, são alguns objetivos maiores que estamos sempre buscando através da nossa caminhada como comunidade desta aldeia. Esta caminhada exige coletividade, paciência, diálogo, respeito e ouvir os mais velhos. Estes são modos de ser que também garantiram a nossa resistência até hoje. (BENITES, 2014, p. 71).

A existência da Terra está intrinsecamente ligada à existência de nós seres componentes dela. Compreender o direito constitucional e originário da terra para os povos que nascem dela é uma urgência há muito tempo, no reconhecimento da diferença, a fim de sair da condição de subalternidade imposta pelos contextos políticos e sociais da sociedade envolvida (BENITES, 2014). Tendo isso como ponto de partida determinante para que possamos começar

a desenhar as linhas que compõem as formas de compreender a vida e a existência desses povos, é uma pista fundamental que seguimos na trajetória de construção desse trabalho.

Tekoha - O lugar onde é e onde se faz Teko Porã

Na cosmovisão de povos originários de tradição e de memória, em especial aqui trazendo a dos Guaranis, temos como cerne da compreensão da existência presente o olhar para o passado. Através do olhar para o passado é que o povo Guarani desenha os seus modos de vida e estabelecem os passos para o futuro, conectados com os valores da tradição que se reatualiza no tempo por meio do sentido imanente e busca por reproduzir no *tekoha* – território existencial, lugar onde habita e se é, o seu *reko* - modo de vida, em *teko porã* - vida boa, bem viver, bela vida.

Olhar para o *tekoha* guarani e buscar encontrar as pistas que nos revelam o seu *teko porã* é fundamental nos tempos que correm. Compreender a resiliência e a forma de habitar o mundo, que é a costumeira desse povo, pode nos indicar as possíveis rotas de fuga⁹ para a crise que enfrentamos. Afinal, pisamos sobre a mesma terra, e a tradução desses modos de vida contornam, com grande perspicácia, a razão indolente predominante nas sociedades contemporâneas e também a sua lógica da monocultura do saber (SANTOS, 2000).

Buscando traduzir a ecologia de saberes presentes no *teko porã* guarani, nos deparamos com uma diversidade de maneiras de se viver no mundo e de coexistir com os fluxos da Natureza de maneira integrada, inspirando nossa vida e compreensão para driblarmos o pensamento colonial através da identificação dos princípios que sustentam a cosmovisão desses povos (SANTOS, 2000). Olhar mais de perto para essas existências no sentido de buscar apren-

9 Conceito tratado por Deleuze e Guattari (2011, p. 33): “Linhas de fuga são linhas de ruptura, verdadeiros rompimentos que promovem mudanças bruscas muitas vezes imperceptíveis”.

der a olhar através das lentes dos Guaranis. Esse é o convite e a tentativa de brotar em nossos corações e mentes as novas rotas para afirmar a vida.

Nessa desterritorialização do modo de enxergar a vida, para os Guaranis, vamos nos aproximando das palavras-importantes¹⁰ que podem auxiliar no processo de compreensão. Segundo os Guaranis, uma palavra-importante é *Yvy Rupa*: A Terra uma só. Como nos diz Anastácio Peralta (2019) (Guarani Kaiowá, durante sua fala no Seminário de Etnologia Guarani): “Antes não existia fronteira, isso é coisa de vocês juruá kwera”. A concepção da territorialidade para esse povo é outra. Não existem fronteiras, as terras são livres.

Essa concepção presente de maneira marcante e fundante entre os Guaranis, da inexistência de fronteiras e de uma unidade dos povos da Terra, com o reconhecimento da diferença, nos traz a percepção do movimento da vida para esse povo. O modo de existir e as estratégias construídas há séculos. Quando falamos de povos indígenas e territorialidade, bem sabemos que existem idiossincrasias marcantes no modo como cada povo concebe o espaço. Todavia, nos atentamos aqui ao povo Guarani, pois vemos uma compreensão de liberdade no deslocamento no território e uma guiaça por uma bússola ética imanente a essas existências. Essa forma de entender a ocupação e a territorialidade própria desse povo, é fundante com a relação com o sagrado – Nhanderu que manda caminhar.

Eles vieram de Paranaguá. Oguatá porã! Eles caminharam belamente, fizeram uma boa caminhada. Os juruá não tinham chegado ainda. Antes deles chegarem, nós já estávamos aqui, neste lugar. Eles, aqueles que seriam Nhanderu Mirim, tinham o pensamento dentro do coração, no peito, e só por isso que eles vieram. Nhanderu falou aos xeramõi para fazerem essa caminhada, e as outras pessoas seguiam esses xeramõi. Nhanderu que dá esse conhecimento de fazerem essa caminhada. Não caminhavam somente porque eles queriam. Nhanderu que mandava fazer essa caminhada. Foram os xeramõi e as xejaryi daquela época que abriram o caminho. Naquela época, era tudo mato fechado. Nem o branco existia naquela época. Mesmo as-

10 Conforme Eliel Benites (2014), professor e pesquisador representante dos Guaranis Kaiowá, ao se referir a nós - juruá kwera - chamamos de conceitos.

sim, eles vinham caminhando. Nhanderu guiava, mostrava o caminho. Eles perguntavam para Nhanderu: “podemos ir? Já está aberto o caminho. Vai mesmo”, diziam Nhanderu kuery. Aí, eles andaram. Os mais velhos sempre andavam com Nhanderu, em espírito, sempre rezando. Eles caminhavam não só por caminhar, mas seguindo o propósito, o objetivo que eles tinham. Guata porã, o belo caminhar, é isso. (AFFONSO, 2015, n.p.)¹¹.

A vida com um sentido, guiado pelos espíritos protetores, assim vão se movimentando na vida, segundo os Guaranis. A narrativa que acontece por meio dos mais velhos (*xeramõi* e *xejaryi*) nas casas de reza – a *Opy*, onde a palavra tem plenitude, vai desenhando o modo de vida ancestral no contemporâneo, através da oralidade desses avôs e avós, escolhidos por Nhanderu, para guiar as suas famílias com-uniidade mediante as memórias das histórias contadas pelos que vieram antes. O fio de vida ligado aos ancestrais vai nutrindo o caminhar, preenchendo de sentido essas existências (OLIVEIRA, 2016).

Uma anciã um dia me disse que somos árvores que caminham,
carregamos folhas, galhos, raízes,
e todos aqueles que vieram antes de nós
são estrelas em nosso céu.
Em direção ao sol nossa eterna caminhada de pés descalços
para não deixar de sentir a terra, o calor,
as águas e cada respiração.
Somos natureza VIVA!
(TUPINAMBÁ, 2016, n.p.).

11 Xeramõi Mário Guimarães - Kuaray Mirim Tekoa Marangatu, informação verbal, Guatá Porã.

Além da guiança dos ancestrais e de *Nhanderu* – em busca de *Yvy marãey*, a terra sem mal – o que podemos compreender ao observar esse movimento dos Guaranis é um rearranjo, uma recriação dos grupos familiares e de suas histórias, recuperando sua tradição a cada “novo lugar”. Isso confere a esses grupos uma experiência singular, marcada pela sobrevivência através da reinvenção.

Para o pensamento ocidental moderno a resistência é entendida, na maioria das vezes, como uma força de oposição e antagonismo ao capitalismo, colonialismo, patriarcado, como a negação de uma forma dominante de poder. Poucas vezes a resistência é concebida como força criativa, como saberes e práticas sociais que existem apesar da opressão e exclusão. Os pais, avós e avós dos indígenas zapatistas resistem ao poder colonial e neocolonial por séculos. Entretanto, não o fazem se posicionando em posição antitética à modernidade colonial, mas, sobretudo, inventando e reinventando formas de organização social e vida que os permitam ser algo mais do que a negação daquilo que os oprime e exclui. Como ressalta Boaventura de Sousa Santos (2001) “o acento tônico [do Zapatismo] não está na destruição do que existe, mas na criação de alternativas”. (RIBAS, 2014, p. 15).

Esse debate encontrado dentre as produções dos saberes do zapatismo, profundamente conectado com as raízes ancestrais indígenas dos povos originários desse território latino-americano, nos ajuda a tecer, com o movimento dos Guaranis, uma rede de sabedoria que nos indica pistas da construção da resistência desses povos.

[...] a despeito de séculos de saques, pilhagens, assassinatos, e memoricídios, os povos originários, salvo todos os esforços, não puderam ser reduzidos ou incorporados a uma estrutura de pensamento ocidental que se nutre da fantástica atração pelo Um, pelo Poder. (IBERÊ; BAINES, 2018, p. 181).

Ao visitarmos a extensa bibliografia produzida pelos próprios Guaranis em suas pesquisas, como as que trazemos para a reflexão nas linhas desse trabalho, por exemplo, Sandra Benites, Eliel Benites, Iberê, Timóteo Popyguá, entre outros, além de pesquisadores que formaram aliança com esse povo, como: Maria Inês Ladeira, Ana Maria Affonso, Bartolomeu Melià e tantos outros. Vemos que a resistência dos Guaranis ao defender suas tradições, seu *nhandereko* – modo de viver – é viva. Migrar e viver na mesma região que já foi ocupada pelos seus antepassados antes do contato, é uma delas. “Esses movimentos de desterritorialização são inseparáveis de novos mundos que se fazem em processos de reterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 69), a mobilidade se encontra com a disposição em criar um devir-outro.

Esse modo de existir ainda é constante nos territórios, ocorrendo migrações entre aldeias e em regiões da Mata Atlântica a procura de recursos naturais e locais para a refundação de *tekohas*. Desde o litoral do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, há cerca de 64 *tekohas Mbya* e *Nhandeva*¹² e locais de acampamento para receber seus parentes (TRONCARELLI, 2006 *apud* GAUDITANO, 2006).

O Guarani sempre ocupou esta região. Nosso território era muito grande, ia desde a Argentina e o Paraguai até o Brasil. Nós chamamos de *Yvy rupa*, que significa uma Terra só, sem divisão geográfica. Quando os juruá chegaram e invadiram o nosso espaço, dividiram em três pedaços: Paraguai, Argentina e Brasil. O povo Guarani vivia com amplitude. Segundo os Guarani, só a pedra fica num único lugar. (GAUDITANO, 2006, p. 38)¹³.

A distorção promovida pela ignorância, pela ganância e pela crueldade, muito bem articulada em narrativas históricas de uma oligarquia latifundiária sobre as interpretações em relação ao modo de vida Guarani a fim de

12 *Mbya* e *Nhandeva* são grupos distintos entre os Guaranis. Além desses, existem os *Kaiowá* e *Pai-Tãiviterã* (que ocupam a região que hoje chamamos de Paraguai). No trabalho de dissertação existe uma sessão em que é realizada uma discussão aprofundada sobre a formação desses grupos (OLIVEIRA, 2020).

13 Vera Popygua Timóteo da Silva Guarani, informação verbal.

justificar a propriedade de suas terras, é muito presente na política institucional. Na luta pela demarcação e pela regulamentação, é comum a argumentação de que esse povo é nômade, vem do Paraguai e se diz brasileiro: “Tem que parar essa história de demarcação que permite a invasão dos índios do Paraguai, lá no Rio Grande do Sul no que depender mim para demarcar área dos índios e dos quilombolas só se passar por cima do meu cadáver”¹⁴.

Essa fala de extrema violência à vida e dignidade desses povos é o que há de mais comum na bancada ruralista, que promove esse *lobby* anti-indígena, do agronegócio que busca desqualificar laudos antropológicos em processos administrativos de demarcação de terras indígenas, por meio da FUNAI, que dão a garantia e fundamentam a ocupação desses povos nos territórios. É urgente olhar para essas estratégias neocolonialistas que avançam por toda a América Latina historicamente e perceber as antigas, porém repaginadas, formas de promover o extermínio dos povos originários.

Nós, Guarani, saímos do centro do mundo, onde Nhanderu nos criou - em busca de Yvy marãey - durante esse deslocamento nossos antepassados ocuparam algumas terras, seus acampamentos, seus tekohas, assim plantavam, ficavam vivendo ali. A retomada é porque reocupamos esses espaços, retomada não é qualquer espaço, é onde era passagem dos antigos, suas ocupações. (informação verbal)¹⁵.

Esse povo que caminha com sentido, com essa guia dos mais velhos e inspiração metafísica dos espíritos das matas – os guardiões da Terra, cultivam costumes que se manifestam em características singulares ao modo de existir. Essa comunicação que é fundante e é passada através das gerações como um pulsar vital, vai perpetuando a visão alcançada pelos antepassados. É uma utopia que é conquistada e celebrada através da repetição desses saberes cons-

14 Fala coletada no filme *Martírio* (2016) do então deputado federal pelo PP, Vilson Calvati.

15 Ivanildes Kerexu, informação verbal no II Seminário Internacional de Etnologia Guarani (2019).

truídos milenarmente, como o tecer de uma rede que sustenta a continuidade dessas vidas.

O que se percebeu nessa aproximação de olhar para a territorialidade e a cultura Guarani é uma conexão e o compromisso com a vida, manutenção da vida que mesmo tolhida, encontra formas de rebrotar, renascer e se reinventar.

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafiando o coro dos contentes? Vi diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. [...] Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo. (KRENAK, 2019, p. 14).

A força que carrega esse sentido de sujeito coletivo que se organiza de maneira comunitária vem nos mostrar como a identificação e o reconhecimento do outro é o que cria as formas, inclusive, de garantir a continuidade dos costumes e de sua vida, como os Guaranis chamam: continuar o *nhandereko*.

Aqui não existe líder, todo mundo aqui é líder. As crianças, todo mundo...até o cachorrinho é líder aqui. E se caso venha a assumir a ordem da justiça, tem que ser todo mundo, não é só um. (informação verbal)¹⁶.

Ao nos voltarmos para a cosmovisão dos Guaranis e encontrarmos com a cosmovisão dos povos originários, ajustar as lentes e reconectar, de alguma forma, com essas linhas de vida, encontrar com a leitura do livro “Ideias para adiar o fim do mundo” de Ailton Krenak (2019), possibilitou vislumbrar pistas sobre por qual lugar continuar esses passos, aproximar mais e olhar de

16 Fala de mulher Guarani durante reintegração de posse retirada do filme Martírio (2016).

perto essas questões que se apresentam como uma imagem fontana e abundante de inspiração.

A concepção de sujeito coletivo é uma ideia potente. Vem dos antepassados resgatar um sentido de comunidade relacional que foi fortemente atacado, dilacerando pouco a pouco os elos vitais que garantem a coesão dos povos e a visão de codependência, de boa relação, de cooperação. A riqueza, a diversidade e a ecologia de saberes (SANTOS, 2000) que se manifestam com esses modos de vida que insistem em vingar, que ainda hoje acontecem e sustentam comunidades pelo mundo, precisam ser noticiadas.

O individualismo com sua manifestação reativa e a competição como grande marco desse tempo histórico que compartilhamos, é o coração do capitalismo financeiro que sustenta com o seu pulsar a manutenção desse sistema. O sentido desse pensamento é o do poder de obter para si, de dominar as riquezas da terra a todo custo, inclusive o de vidas que são consideradas, por essa lógica, menos importantes para se sustentar. O sentido do Guarani é viver *nhandereko*, são os seus costumes, o modo de vida, o manifestar teko porã, o viver belo. É um saber contra-hegemônico com potência de regeneração constante da vida que tem sustentabilidade, que tem bases para se reinventar e crescer em abundância.

A ausência produzida por meio do memoricídio e do epistemicídio dessa necropolítica nefasta que enfrentamos cotidianamente – nós, povos latino-americanos¹⁷ – tem como principal objetivo destruir nossas referências ancestrais a fim de perpetuar a lógica, um colonialismo ao modo do século XXI, com seus dispositivos atualizados. Por essa motivação, todo território existencial, inclusive esse que se circunscreve em espaço acadêmico, vem se apresentar como lugar de disputa necessária, de registrar essa sabedoria e emergir a memória. Quem disse que estamos em trégua? A terra ainda é regada com sangue indígena.

17 Ao utilizarmos o nome “América” também o devemos fazer sob o olhar da crítica que nos propõe Ailton Krenak (2019, p. 28) “O nome América é um produto colonial, é de uma renição absoluta a todo discurso colonialista. América vem de Américo Vespúcio, um veneziano que pegou uma empreitada na Europa e veio para cá, e homenageamos colocamos o nome dele em um continente assaltado.

Quando Krenak (2019, p. 14) diz: “Quantos perceberam que essas estratégias só tinham como propósito adiar o fim do mundo? Eu não inventei isso, mas me alimento da resistência continuada desses povos [...]”, nos cobra a pergunta: como essa humanidade passa despercebida a isso? O quanto ela está em distrações ilusórias de ganância e poder?

O que o tempo vem cobrar com urgência é por corações despertos a sonhar com as terras livres.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: no sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. [...]. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. (KRENAK, 2019, p. 43).

Os discursos que emergem a respeito da descolonização do pensamento (SANTOS, 2000) vêm no sentido de buscar superar essas marcas impressas nas subjetividades do mundo que permeiam e sustentam não só os modos de pensar, mas o de ser no mundo. O que vemos aqui são propostas de territórios existenciais que são espaços potentes para a descolonização do pensamento; é um passo para romper as amarras do silenciamento desses saberes e promover o voo desses paradigmas a fim de que possamos reconhecer e poder quiçá tentar alcançar essa altura de pensamento que os povos originários têm para nos ensinar.

Considerações finais

Vemos claramente que os paradigmas convencionais da ciência moderna vêm privilegiando uma formalização da realidade e um engessamento do pensamento, configurando domínios estáticos e sistemas fechados.

Em níveis de observação da realidade, essa visão não dá conta de captar o movimento da vida, as flutuações e as instabilidades próprias da condição de existência do vivo (PELLANDA, 2009). Somado a isso, o pensamento colonial que realiza a manutenção de uma lógica que vai contra a vida e está imbricado nas subjetividades, nos mostra que, a criação de práticas de descolonização do inconsciente se constitui como uma tarefa urgente, inadiável.

A esfera micropolítica é um território de disputa e de fragilidade. Encontra-se na tensão entre as experiências subjetivas, o seu mundo, o campo de valores e as experiências que estão fora do sujeito. O meio perturba e desencadeia mudanças na estrutura do vivo, as respostas a partir desse momento são o que determinam os contornos da realidade que nos cerca. O que o olhar repousado aos Guaranis vem nos indicar é a possibilidade de estabelecer uma micropolítica ativa como uma possibilidade de rota de fuga, caminhar no sentido de afirmar a vida – *Guata porã* (belo caminhar). Uma micropolítica ativa que vem celebrar a vida em potência criadora, condição para a sua preservação. Promover *Teko porã*, afeto de alegria, próprio de uma vida nobre, vida singular.

A lógica simplificadora em crise da filosofia e das ciências do ocidente já não dá conta de explicar. O mundo exige outra abordagem em que círculos e espirais se sobrepõem de forma crescente. Realocarmos o nosso pensamento resgatando a nossa consciência ao lado de nossos ancestrais e dos povos originários é uma necessidade vital. A visão da realidade no sentido da transformação civilizatória exige a criação de um tecido próprio que aglutine a identidade, a organização social, política, ecológica e cosmológica no sentido de afirmar a vida. A trajetória desse trabalho possibilitou o deslocamento e a identificação da necessidade de nos colocarmos cada vez mais juntos, lado a lado, somando a voz com os povos originários.

Referências

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: Uma oportunidade para imaginar outros mundos. (Tradução de Tadeu Breda). São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

AFFONSO, A. M. R. **Guata Porã – Belo Caminhar**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2015.

BENITES, E. **OGUATA PYAHU** (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena TE'YIKUE. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2014.

BOFF, L. **Saber cuidar**: Ética do humano - compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo, Cultrix, 1982.

CONSELHO INDIGIENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). **Carta Compromisso Yvy Poty**: Vida, Terra e Futuro. Mato Grosso, 2007.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Ed. 34, 1997.

GAUDITANO, R. **Guarani Mbya**. São Paulo: Studio RG. 2006.

IBERÊ, D; BAINES, S; M'BARAKÁ - A Palavra que Age. Novas territorialidades e conflitos na Amazônia Indígena: A IIRSA e o Eixo Peru-Brasil-Bolívia. **Revista de estudos e pesquisa sobre as Américas**, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 176-201, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/16015/14304>. Acesso em: 25 de set. 2019.

KRENAK. A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos feministas**. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 28 ago. 2019.

MACHADO, R. **Nós não somos donos da terra, nós somos a terra**. [ago. 2018]. Entrevistado por Casé Angatu Xukuru Tupinambá. Edição 527. São Leopoldo, 2018.

MÍDIA NINJA (Brasil). **MNINJA: MARTÍRIO**. Vincent Carelli (Documentário). [s.l.], 19 abr. 2018. Facebook: facebook.com/midiaNINJA. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/MidiaNINJA/videos/assista-ago-ra-no-cinemaao-vivo-mart%C3%ADrio-longa-metragem-de-vincent-carelli-em-co-d/1131603413664469/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

OLIVEIRA, A. L. C. **Ancestralidade e contemporaneidade: O Jongo como uma experiência de encontro e transformação social**. 2016. 65 f. (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2016.

OLIVEIRA, A. L. C. **Aprendendo com os guaranis a resistir e sonhar com terras livres**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba/SP, 2020.

PELLANDA, N. M. C. Uma leitura Bergsoniana da Biologia da Cognição: implicações para educação. **Revista Filosofia Unisinos**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 188-202, 2009.

RIBAS, L. **Memória e Sombra: Subcomandante Insurgente Marcos**. Coimbra, [s.n.] 2014.

ROLNIK, S. Uma Insólita Viagem à Subjetividade. Fronteiras com a Ética e a Cultura. **Revista Cultura e Subjetividade: saberes nômades**, Campinas, p. 25-34, 1997. Disponível em: <http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2019.

ROLNIK, S. **Pensar a partir do saber-do-corpo: uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial**. Apresentação realizada na ‘Casa do Povo’ em

25 nov. 2015. Disponível em: <https://vimeo.com/173642284>. Acesso em 19 fev. 2019.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 63, p. 237 -280, 2002.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente** – Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

TUPINAMBÁ, R. **Somos as sementes dos sonhos de nossos avós**. Reportagem da Rádio Yandê. 2016. Disponível em: https://radioyande.com/default.php?pagina=blog.php&site_id=975&pagina_id=21862&tipo=post&post_id=513. Acesso em: 04 abr. 2023.